Um

Na noite em que vejo Athena Liu morrer, estamos a celebrar o seu contrato de TV com a Netflix.

Logo de entrada, para que esta história faça sentido, tem de saber duas coisas sobre Athena:

Primeiro, ela tem tudo; recebeu um contrato para vários livros de uma grande editora, assim que saiu da faculdade, tem um Mestrado em Belas-Artes do único *workshop* de escrita de que todos já ouviram falar, um currículo cheio de residências artísticas de prestígio e um histórico de nomeações para prémios mais comprido do que a minha lista de compras. Aos vinte e sete anos, já publicou três romances, cada um com mais sucesso do que o anterior. Para Athena, o acordo com a Netflix não era um acontecimento que lhe mudasse a vida e sim, apenas, mais uma medalha conquistada, uma das vantagens secundárias do caminho para o estrelato literário, que ela vem trilhando desde que terminou a faculdade.

Segundo, talvez como consequência do primeiro, ela quase não tem amigos. Os escritores da nossa idade — jovens prometedores e ambiciosos com menos de trinta anos — tendem a andar em bandos. Pode encontrar evidências deste tipo de grupinhos nas redes sociais — escritores a elogiar trechos de manuscritos inéditos uns dos

outros (ESTOU DOIDA COM ESTE PROJETO!), a soltar gritinhos de excitação sobre revelações de capas (É TÃO LINDA QUE VOU MORRER!!!) e a publicar *selfies* de saídas em grupo em encontros literários por todo o mundo. Mas as fotos do Instagram de Athena não incluem mais ninguém. Ela escreve regularmente tuítes sobre atualizações de carreira e piadas peculiares para os seus setenta mil seguidores, mas raramente menciona outras pessoas. Não cita nomes, não divulga nem recomenda os livros de colegas e não dá publicamente graxa daquela forma ostensiva e desesperada que os escritores em início de carreira fazem. Durante todo o tempo em que a conheço, nunca a ouvi fazer referência a nenhum amigo próximo além de mim.

Eu costumava pensar que ela era apenas distante. Athena é tão estupidamente, tão ridiculamente bem-sucedida que faz sentido que não se queira misturar com os meros mortais. Provavelmente, Athena só conversa com os detentores de vistos azuis e outros autores de *bestsellers* que a possam entreter com as suas observações rarefeitas sobre a sociedade moderna. Athena não tem tempo para fazer amizade com os proletários.

No entanto, nos últimos anos desenvolvi outra teoria, segundo a qual toda a gente a acha tão insuportável como eu. Afinal, é difícil sermos amigos de alguém que nos ofusca a cada passo. Provavelmente, mais ninguém consegue suportar Athena, porque não suportam o falhanço constante de não se conseguirem igualar a ela. É possível que a única razão por que estou aqui seja porque sou simplesmente patética.

Assim, naquela noite, estamos apenas Athena e eu no bar barulhento e caro num terraço em Georgetown. Ela está a emborcar *cocktails* como se tivesse o dever de provar que se está a divertir e eu estou a beber para entorpecer a cabra em mim que desejava que ela estivesse morta.

Athena e eu só nos tornámos amigas devido às circunstâncias. Vivíamos no mesmo andar em Yale no nosso primeiro ano e, como

sabíamos que queríamos ser escritoras desde que tínhamos noção de quem éramos, acabámos nos mesmos seminários de escrita da licenciatura. Publicámos ambas contos nas mesmas revistas literárias no início das nossas carreiras e, alguns anos após o fim do curso, mudámo-nos para a mesma cidade — Athena para um cargo de ensino de prestígio em Georgetown, porque, segundo rumores, o corpo docente daquela instituição ficou tão impressionado com uma palestra que ela deu como convidada na American University, que o departamento de inglês criou uma posição de escrita criativa só para ela, e eu porque a prima da minha mãe era dona de um apartamento em Rosslyn e arrendou-mo apenas pelo custo da água, luz e gás em troca de eu me lembrar de lhe regar as plantas. Nunca experimentámos nada semelhante a um reconhecimento de espíritos afins nem nenhum trauma profundo de união — estávamos sempre no mesmo sítio, a fazer as mesmas coisas, portanto, era conveniente sermos simpáticas uma para a outra.

Mas, embora tenhamos começado no mesmo sítio — Introdução ao Conto de Ficção da professora Natalia Gaines —, as nossas carreiras seguiram rumos totalmente diferentes após o fim do curso.

Escrevi o meu primeiro romance num ataque de inspiração durante o ano que passei mortalmente aborrecida a trabalhar para a Teach for America. Voltava para casa depois do trabalho, todos os dias, para esboçar meticulosamente a história que queria contar desde a minha infância: uma história de amadurecimento ricamente pormenorizada e subtilmente mágica sobre o luto, a perda e a irmandade intitulada *Sobre o Plátano*. Depois de consultar, sem sorte, quase cinquenta agentes literários, o livro foi escolhido por uma pequena editora chamada Evermore durante um pedido geral para submissões. O adiantamento pareceu-me uma quantia absurda na época — dez mil dólares antecipados, com *royalties* a ser pagos assim que eu ultrapassasse esse valor em vendas —, mas isso foi antes de eu saber que Athena tinha conseguido um valor de seis dígitos, oferecido pela Penguin Random House, pelo seu romance de estreia.

A Evermore fechou três meses antes de o meu livro ser impresso. Os direitos do meu livro voltaram para mim. Milagrosamente, o meu agente literário — que assinara comigo após a oferta inicial da Evermore — revendeu os direitos a uma das cinco grandes editoras por um adiantamento de vinte mil dólares — um «bom negócio», dizia o anúncio do *Publishers Marketplace*. Parecia que eu tinha finalmente Conseguido, que todos os meus sonhos de fama e sucesso estavam prestes a tornar-se realidade, até o dia do lançamento se aproximar e a minha primeira tiragem ser reduzida de dez mil para cinco mil exemplares, a minha *tournée* de seis cidades ser reduzida para três paragens na região da DMV[1] e as citações prometidas de escritores famosos não se concretizarem. Nunca recebi uma segunda impressão. Vendi duas, talvez três mil cópias no total. O meu editor foi despedido durante uma daquelas contrações editoriais que acontecem sempre que a economia cai e fui passada para um tipo chamado Garrett, que até agora mostrou tão pouco interesse em apoiar o romance que muitas vezes me pergunto se ele se esqueceu completamente de mim.

No entanto, todos me disseram que isso é normal nesta área. Toda a gente tem uma experiência de estreia péssima. Os editores são mesmo assim. É sempre um caos em Nova Iorque, todos os editores e publicitários estão sobrecarregados e são mal pagos e há sempre oportunidades a ser perdidas. A galinha da vizinha nunca é mais gorda. Todos os autores odeiam as suas editoras. Não há histórias de Cinderela — apenas trabalho duro, tenacidade e tentativas repetidas para obtermos um bilhete vencedor.

Então, porque é que algumas pessoas disparam para o estrelato na sua primeira tentativa? Seis meses antes do lançamento do romance de estreia de Athena, ela conseguiu uma grande entrevista, cheia de fotos *sexy*, numa revista editorial de grande divulgação com o título «O Mais Novo Prodígio Literário Está Aqui para Contar as Histórias de AAIP[2] de que Precisamos». Ela vendeu os direitos para

[1] Região que engloba o Distrito de Columbia e os estados de Maryland e Virgínia. (*N. da T.*)
[2] Americano Asiático das Ilhas do Pacífico. (*N. da T.*)

o estrangeiro em trinta países diferentes. A sua estreia foi lançada no meio de uma fanfarra de aclamação da crítica em meios como a *New Yorker* e o *New York Times* e ocupou os primeiros lugares em todas as listas de *bestsellers* durante semanas. O circuito de prémios do ano seguinte foi uma conclusão anunciada. A estreia de Athena — *Voz e Eco*, sobre uma jovem sino-americana que consegue evocar os fantasmas de todas as mulheres falecidas da sua família — foi um daqueles raros romances que encaixam perfeitamente na linha entre a ficção especulativa e a comercial, portanto ela acumulou nomeações para o Booker, o Nebula, o Hugo e o World Fantasy, dois dos quais venceu. E isso foi há apenas três anos. Ela publicou mais dois livros desde então e o consenso crítico é que se tornou ainda melhor.

Não é que Athena não seja talentosa. Ela é uma escritora extremamente *boa* — li todos os trabalhos dela e não sou assim tão invejosa que não reconheça a boa escrita quando a vejo. Contudo, o carisma de estrela de Athena não tem obviamente que ver com a escrita. Tem que ver com *ela*. Athena Liu é, em termos simples, superinteressante. Até o nome dela — Athena Ling En Liu — é atraente; muito bem, Sr. e Sra. Liu, por escolherem uma combinação perfeita entre o clássico e o exótico. Nascida em Hong Kong, criada entre Sydney e Nova Iorque, educada em internatos britânicos que lhe deram um sotaque estrangeiro elegante e impossível de identificar, alta e magra como uma navalha, graciosa como uma antiga bailarina de balé, pálida como porcelana e possuidora de uns enormes olhos castanhos com pestanas compridas que a fazem parecer uma Anne Hathaway chinesa (não é racista eu dizê-lo — Athena publicou uma vez uma *selfie* dela e de «Annie» num evento qualquer de passadeira vermelha, onde os quatro enormes olhos de corça de ambas apareciam espremidos lado a lado, com uma legenda simples que dizia: Gémeas!).

Ela é incrível. É, literalmente, incrível.

Então, é claro que Athena consegue tudo de bom, porque é assim que esta indústria funciona. O mundo editorial escolhe um vencedor — alguém atraente o suficiente, alguém moderno e jovem e, oh, estamos todos a pensar no mesmo, portanto, vamos dizê-lo,

«diverso» o suficiente — e atira com todo o seu dinheiro e recursos para cima dessa pessoa. É completamente arbitrário. Ou talvez não seja arbitrário, mas depende de fatores que nada têm que ver com a força da prosa. Athena — uma bela mulher de cor, educada em Yale, internacional e ambiguamente *queer* — foi escolhida pelos Poderes Estabelecidos. Entretanto, eu sou apenas a June Hayward de Filadélfia, de olhos castanhos e cabelos castanhos — e, não importa quanto eu trabalhe ou escreva bem, nunca serei a Athena Liu.

Eu esperava que ela já tivesse saído disparada para fora da minha órbita a esta altura. Mas as mensagens simpáticas continuam a chegar — Que tal vai a escrita hoje? Atingiste o objetivos de palavras? Boa sorte com os prazos! — tal como os convites: *happy hour* com margaritas no El Centro, *brunch* no Zaytinya, um improviso de poesia na U Street. Temos uma daquelas amizades superficiais em que conseguimos passar muito tempo juntas sem nos conhecermos realmente uma à outra. Ainda não sei se ela tem irmãos. Ela nunca me perguntou sobre os meus namorados. No entanto, continuamos a sair juntas, porque estamos as duas em DC e é muito conveniente e porque é difícil fazermos novos amigos conforme ficamos mais velhas.

Sinceramente, não sei porque é que Athena gosta de mim. Ela abraça-me sempre quando me vê. Gosta das minhas publicações nas redes sociais pelo menos duas vezes por semana. Saímos para beber pelo menos a cada dois meses e, na maior parte das vezes, é a convite dela. Contudo, não faço ideia do que tenho para lhe oferecer — não possuo nada que se pareça com influência, popularidade ou conexões para fazer o tempo que ela passa comigo valer a pena.

No fundo, sempre suspeitei de que Athena gosta da minha companhia justamente porque não posso rivalizar com ela. Compreendo o mundo dela, mas não sou uma ameaça e as suas conquistas estão tão fora do meu alcance que ela não se sente mal por mostrar entusiasmo pelas suas vitórias à minha frente. Todos nós queremos ter aquele amigo que nunca desafia a nossa superioridade porque já sabe que é uma causa perdida, não é? Todos nós precisamos de alguém que possa funcionar como um saco de pancada, não é?



— Não pode ser assim tão mau — diz Athena. — Tenho a certeza de que eles apenas querem dizer que vão adiar a edição de capa mole por alguns meses.

— Não foi adiada — digo. — Foi cancelada. Brett disse-me que eles… não conseguiram encontrar um lugar para ela na sua programação de impressão.

Ela dá-me uma palmadinha no ombro.

— Ah, não te preocupes. De qualquer maneira, consegues mais *royalties* com as capas duras! Temos de ver o lado positivo, certo?

É arrojado da tua parte presumir que estou a receber royalties *sequer.* Não o digo em voz alta. Se repreender Athena por não ter tato, ela desculpa-se com grande exagero e isso é mais difícil de suportar do que limitar-me a engolir a minha irritação.

Estamos no bar do terraço do Graham's, sentadas numa poltrona, de frente para o pôr do sol. Athena está a beber o seu segundo uísque e eu estou no meu terceiro copo de *pinot noir*. Entrámos no assunto cansativo dos meus problemas com o meu editor, o que lamento profundamente, porque tudo o que Athena pensa que são palavras de conforto ou conselhos parece-se sempre com esfregar sal na ferida.

— Não quero irritar o Garrett — digo. — Sinceramente, acho que ele está apenas à espera de rejeitar a opção para se poderem livrar de mim.

— Oh, não te desvalorizes assim — diz Athena. — Ele adquiriu o teu trabalho de estreia, não foi?

— Na verdade, não — respondo. Tenho sempre de a recordar disso de cada vez que falamos no assunto. Ela tem a memória de um peixinho dourado quando se trata dos meus problemas; são necessárias duas ou três repetições para que algo se fixe. — O editor que o adquiriu foi despedido e a responsabilidade passou para o Garrett e, sempre que falamos sobre isso, parece que ele está apenas a fazer os mínimos indispensáveis.

— Bem, então que se lixe — diz Athena alegremente. — Outra rodada?

As bebidas são estupidamente caras neste sítio, mas tudo bem porque é Athena quem está a pagar. Athena paga sempre; a esta altura, já parei de oferecer. Acho que Athena nunca compreendeu realmente os conceitos de «caro» e «barato». Ela passou de Yale para um mestrado totalmente financiado e depois para centenas de milhares de dólares na sua conta bancária. Certa vez, quando lhe contei que os trabalhos para iniciantes na área editorial em Nova Iorque pagam apenas cerca de 35 mil dólares por ano, ela pestanejou e perguntou:

— Isso é muito?

— Adorava um *malbec* — digo. São dezanove dólares o copo.

— Como quiseres, querida. — Athena levanta-se e caminha em direção ao bar. O empregado sorri-lhe e ela exclama de surpresa, levando as mãos à boca como se fosse a Shirley Temple. Parece que um dos cavalheiros ao balcão lhe pagou uma taça de champanhe. — Sim, *estamos* a comemorar. — A sua gargalhada delicada e encantada flutua sobre a música. — Mas posso pedir uma para a minha amiga também? Ponha na minha conta.

Não há ninguém aqui a mandar-me champanhe, o que é típico. Athena é inundada de atenção sempre que saímos — se não forem leitores ansiosos que querem uma *selfie* e um autógrafo, então, são homens e mulheres que a acham fascinante. Eu, eu sou invisível.

— Então — Athena volta a sentar-se ao meu lado e entrega-me o copo. — Queres saber sobre a reunião da Netflix? Oh, meu Deus, Junie, foi uma loucura. Conheci o tipo que produziu o *Tiger King. O Tiger King!*

Fica feliz por ela, digo a mim mesma. *Limita-te a ficar feliz por ela e deixa-a ter esta noite.*

As pessoas descrevem sempre a inveja como uma coisa aguçada, verde e venenosa. Infundada, avinagrada, mesquinha. Mas eu descobri que, para os escritores, a inveja é mais parecida com o medo. A inveja é o salto na minha pulsação quando vislumbro notícias do sucesso de Athena no Twitter — outro contrato para um livro,

nomeações para prémios, edições especiais, acordos de direitos para o estrangeiro. A inveja é estar constantemente a comparar-me com ela e ficar aquém; sentir-me em pânico por não estar a escrever bem ou rápido o suficiente, por *não* ser e nunca poder vir a ser boa o suficiente. A inveja significa que o mero facto de saber que Athena vai assinar um contrato de opção de seis dígitos com a Netflix implica que vou ficar desequilibrada durante dias, incapaz de me concentrar no meu próprio trabalho e atolada em vergonha e autorrepulsa sempre que vir um dos livros dela na montra de uma livraria.

Todos os escritores que conheço se sentem assim em relação a alguém. Escrever é uma atividade muito solitária. Não temos garantia de que o que estamos a criar tem algum valor e qualquer indicação de que estamos a ficar para trás na corrida lança-nos numa espiral de desespero. *Mantém os olhos no teu próprio papel*, dizem. Mas é difícil fazer isso quando os papéis de todos os outros estão constantemente a bater-nos na cara.

No entanto, também sinto um tipo cruel de inveja quando vejo Athena a falar sobre quanto adora a *sua* editora, uma potência literária chamada Marlena Ng que «me arrancou da obscuridade» e que «compreende verdadeiramente o que estou a tentar fazer de um ponto de vista artístico, sabes?» Encaro os olhos castanhos de Athena, emoldurados por aquelas pestanas ridiculamente grandes que a fazem parecer um animal silvestre da Disney, e pergunto-me: *Como será estar na tua pele?* Como será ser tão incrivelmente perfeita, ter todas as coisas boas do mundo? E talvez sejam os *cocktails* ou a minha imaginação hiperativa de escritora, mas sinto o meu estômago a revirar-se de calor e uma vontade bizarra de enfiar os dedos na sua boca pintada de vermelho-cereja e rasgar-lhe o rosto, arrancar-lhe a pele com cuidado do corpo, como a uma laranja, e vesti-la em mim.

— E é como se ela me *compreendesse*, como se estivesse a fazer sexo com as minhas palavras. Tipo, sexo mental. — Athena ri-se e depois franze o nariz de modo encantador. Reprimo o impulso de lhe espetar um dedo. — Alguma vez pensaste no processo de revisão como

estando a fazer sexo com o teu editor? Como se estivessem a fazer um grande bebé literário?

Ela está bêbada, noto. Duas bebidas e meia e ela já está arrasada; já se esqueceu, mais uma vez, de que odeio o meu editor.

Athena não sabe aguentar o álcool. Descobri isso ao fim de uma semana no nosso primeiro ano, na festa de um veterano em East Rock, na qual lhe segurei o cabelo enquanto ela vomitava na sanita. Ela tem bom gosto; adora exibir tudo o que sabe sobre uísque (chama-lhe apenas «uísque» e, às vezes, «uísque das Terras Altas»), mas ainda não tinha bebido quase nada e já tinha as faces vermelhas e misturava as frases. Athena adora ficar bêbada e uma Athena bêbada está sempre a exagerar e a gabar-se e é dramática.

Notei esse comportamento pela primeira vez na San Diego Comic-Con. Estávamos juntas em torno de uma grande mesa no bar do hotel e ela estava com as faces vermelhas e a rir demasiado alto, enquanto os tipos sentados ao lado dela, um dos quais seria em breve denunciado no Twitter como uma besta sexual em série, olhavam intensamente para o peito dela.

— Oh, meu Deus — dizia ela. — Não estou pronta para isto. Vai explodir tudo na minha cara. Não estou preparada. Achas que eles me detestam? Achas que toda a gente me odeia secretamente e ninguém me diz? *Vocês* diziam-me se me detestassem?

— Não, não — asseguraram-lhe os homens, acariciando-lhe as mãos. — Nunca ninguém te poderia odiar.

Eu costumava pensar que este ato era uma manobra para chamar a atenção, mas ela também é assim quando estamos só as duas. Fica tão vulnerável. Começa a falar como se fosse começar a chorar, ou como se estivesse a revelar corajosamente segredos que nunca contou a ninguém antes. É difícil de ver. Há um certo desespero naquilo e não sei o que me assusta mais — que ela seja manipuladora o suficiente para realizar tal ato, ou que tudo o que ela está a dizer possa ser verdade.

Apesar de toda a música estridente e vibrações graves, o Graham's está parado, o que não surpreende; é uma quarta-feira à noite. Dois

homens aproximam-se para tentar dar os seus números de telefone a Athena, mas ela dispensa-os. Somos as únicas mulheres ali. O terraço parece silencioso e claustrofóbico de uma forma assustadora, portanto, terminamos as nossas bebidas e saímos. Penso, com algum alívio, que isto é o fim — mas, então, Athena convida-me para ir ao apartamento dela, a uma curta viagem de Lyft de distância, perto da Dupont Circle.

— Anda — insiste ela. — Tenho um uísque incrível guardado exatamente para este momento. Tens de vir experimentar.

Estou cansada e não me estou a divertir muito — a inveja piora quando estamos bêbados —, mas estou curiosa para ver o apartamento dela, portanto, digo que sim.

É mesmo muito bom. Eu sabia que Athena era rica — os *royalties* de *bestsellers* contam para alguma coisa —, mas não tinha processado *quão* rica ela era até entrarmos no T2 do nono andar, onde ela mora sozinha — um quarto para dormir, um quarto para escrever. Tem tetos altos, pisos de madeira reluzentes, janelas do chão ao teto e uma varanda que dá a volta ao prédio. Ela decorou-o seguindo aquele estilo omnipresente e famoso do Instagram, que é uma mistura de minimalismo e *bougie*: móveis de madeira elegantes, estantes de *design* simples e tapetes monocromáticos. Até as plantas parecem caras. Um humidificador sibila debaixo das suas *calatheas*[3].

— Então, uísque? Ou algo mais leve? — Athena aponta para o refrigerador de vinhos. Ela tem a porra de um refrigerador de vinhos. — Riesling? Ou… Tenho este *maravilhoso sauvignon blanc*, a menos que queiras continuar com o tinto…

— Uísque — respondo, porque a única maneira de ultrapassar o resto desta noite é ficar o mais bêbada possível.

— Puro, com gelo ou antiquado?

Não faço ideia de como beber uísque.

— Hum, como tu o tomares.

[3] Plantas naturais dos trópicos. Muitas subespécies são populares como plantas ornamentais de interior. (*N. da T.*)

— Antiquado, então. — Ela corre para a cozinha. Momentos mais tarde, ouço armários a abrir-se e pratos a bater. Não fazia ideia de que o antiquado dava tanto trabalho.

— Tenho este belo *WhistlePig* de dezoito anos — exclama ela. — É tão suave, como caramelo e pimenta-do-reino misturados. Espera, vais ver.

— Está bem — respondo. — Parece ótimo.

Ela está a demorar e preciso mesmo de fazer chichi, portanto, dou uma volta à sala à procura da casa de banho. Pergunto-me o que irei encontrar lá. Talvez um difusor de aromaterapia chique. Talvez uma cesta de pedras em forma de vagina em jade.

Noto, então, que a porta do gabinete de escrita dela está escancarada. É um espaço encantador e não consigo evitar espreitar. Reconheço-o das publicações dela no Instagram — o seu «palácio da criatividade», como ela lhe chama. Athena tem uma enorme mesa de mogno com pernas curvas diante de uma janela emoldurada por cortinas rendadas em estilo vitoriano, sobre a qual se encontra a sua valiosa máquina de escrever preta.

Certo. Athena usa uma máquina de escrever. Nada de *backups* do Word, nada de Google Docs, nada de Scrivener; ela rabisca simplesmente em blocos de notas *Moleskine*, que depois se transformam em esboços em notas adesivas, as quais se tornam rascunhos totalmente formados na sua Remington. Isto força-a a concentrar-se ao nível da frase, ou assim ela o afirma. (Ela deu esta resposta tantas vezes em entrevistas que quase a memorizei.) Caso contrário, ela digere parágrafos inteiros de uma vez só e perde as árvores em favor da floresta.

Sinceramente. Quem é que fala assim? Quem é que *pensa* assim?

Existem umas máquinas de escrever eletrónicas, feias e supercaras para autores que não conseguem escrever mais do que um parágrafo sem se desconcentrarem e irem para o Twitter. Mas Athena detesta-as. Ela usa uma máquina de escrever *vintage*, uma coisa desajeitada que exige que ela compre fitas de tinta especiais e páginas grossas e resistentes para os seus manuscritos.

— Não consigo escrever num ecrã — disse-me ela. — Tenho de ver as palavras impressas. Tem que ver com a solidez tranquilizadora da palavra. Parece permanente, como se tudo o que eu compus tenha peso. Mantém-me com os pés na terra; clarifica os meus pensamentos e obriga-me a ser específica.

Avanço mais para o interior do escritório, porque estou exatamente bêbada o suficiente para esquecer que isto é falta de educação. Ainda há uma folha de papel no rolo, na qual está escrita apenas uma palavra: *FIM*. Empilhado ao lado da máquina de escrever está um molho de páginas com quase trinta centímetros de altura.

Athena aparece ao meu lado, com um copo em cada mão.

— Ah, esse é o projeto da Primeira Guerra Mundial. Acabei-o finalmente.

Athena é famosamente cautelosa em relação aos seus projetos até estes estarem terminados. Nada de leitores beta. Nada de entrevistas e nada de partilhas de trechos nas redes sociais. Nem sequer os seus agentes e editores podem ver um esboço até ela terminar tudo.

— Tem de estar em gestação dentro de mim até ser viável — disse-me ela uma vez. — Se o exponho ao mundo antes de estar totalmente formado, morre. — (Sinto-me chocada por ninguém a ter criticado por esta metáfora grotesca, mas acho que está tudo bem se for Athena a dizê-lo.) As únicas coisas que ela revelou nos últimos dois anos são que este romance tem que ver com a história militar do século XX e que é um «grande desafio artístico» para ela.

— Merda — digo. — Parabéns.

— Escrevi a última página esta manhã — trina ela. — Ninguém o leu ainda.

— Nem sequer o teu agente?

Ela solta uma risada.

— O Jared só mexe em papéis e assina cheques.

— É tão grande. — Aproximo-me da secretária, faço menção de pegar na primeira página e retiro imediatamente a mão. Estúpida, bêbada; não posso simplesmente pôr-me a tocar nas coisas.

Mas, em vez de me repreender, Athena acena a sua permissão.

— Que achas?

— Queres que eu o leia?

— Bem, acho que sim. Não tudo e não agora. — Ela ri-se. — É *muito* grande. Estou só… estou tão feliz por estar acabado. Não te parece bonita essa pilha? É pesada. Isto… tem significado.

Ela está a divagar; está tão bêbada como eu, mas sei exatamente o que quer dizer. Este livro é muito importante e de mais do que uma maneira. É o tipo de livro que deixa uma marca.

Os meus dedos pairam sobre a pilha.

— Posso…?

— Claro, claro… — Ela acena com entusiasmo. — Tenho de me habituar a que seja divulgado. Tenho de dar à luz.

Que metáfora bizarra e persistente. Sei que ler as páginas só vai alimentar a minha inveja, mas não consigo evitar. Pego num molho de dez ou quinze páginas e dou-lhes uma olhadela.

Santo Deus, são boas.

Não consigo ler muito bem quando estou embriagada e os meus olhos não param de deslizar para o fim dos parágrafos, mas, mesmo com uma olhadela desleixada, consigo ver que este livro vai deslumbrar. A escrita é firme, segura. Não há nenhum dos deslizes juvenis do seu trabalho de estreia. A voz dela amadureceu e afinou-se. Cada descrição, cada frase — tudo canta.

É melhor do que qualquer coisa que eu poderia escrever nesta vida, talvez.

— Gostas? — pergunta ela.

Está nervosa. Tem os olhos arregalados, quase assustados, e está a mexer no seu colar enquanto me observa. Com que frequência é que ela faz este teatro? Com que intensidade é que as pessoas a elogiam quando ela o faz?

É mesquinho, mas não lhe quero dar essa validação. O jogo dela funciona com críticos e fãs adoradores; não funciona comigo.

— Não sei — digo categoricamente. — Não consigo ler bêbada.

Ela parece abatida, mas apenas por um instante. Observo-a a colocar apressadamente um sorriso.

— Certo, foi estúpido, claro que não queres… — Ela pestaneja para o copo, depois para mim e depois para a sala de estar. — Bem, então, queres… descontrair?

Portanto, aqui estou eu, a descontrair com Athena Liu.

Ela é chocantemente banal quando está bêbada. Não me questiona sobre Heidegger ou Arendt nem sobre a meia dúzia de filósofos que adora citar em entrevistas. Não fala sobre como se divertiu como modelo convidada para a Prada, uma vez, em Paris (o que aconteceu completamente por acidente; o diretor viu-a sentada na esplanada de um café e pediu-lhe para desfilar). Cacarejamos sobre celebridades. Ambas professamos que o último miúdo *gay* com olhos meigos não nos diz nada, mas que a Cate Blanchett nos pode pisar quando quiser. Ela elogia o meu estilo. Pergunta onde arranjei os sapatos, a pregadeira, os brincos. Fica maravilhada com a minha capacidade para poupar.

— Ainda compro metade das minhas coisas no Talbots, sou uma velha.

Faço-a rir com histórias sobre os meus alunos, uma procissão de miúdos borbulhentos e de olhos opacos, que poderiam entrar em qualquer uma das universidade menos importantes da Ivy League só com os contactos herdados dos pais se conseguissem alcançar mais duzentos pontos no exame de admissão. Conto-lhe também como as suas composições de candidatura, escritas por terceiros, são todas um exercício de invenção de algumas dificuldades pessoais, quando é óbvio que nunca passaram por nenhuma. Trocamos histórias sobre maus encontros, sobre pessoas que conhecíamos da faculdade, sobre como, de alguma forma, nos enrolámos com os mesmos dois tipos de Princeton.

Acabamos esparramadas no sofá dela, a rir tanto que até nos doem as costelas. Eu não sabia que era possível divertir-me tanto com Athena. Nunca fui tão *eu própria* com ela. Conhecemo-nos há mais de nove anos, mas sempre fui muito cautelosa na presença dela — em parte, porque receio que ela perceba que não sou tão brilhante ou interessante como ela pensa e, em parte, por causa do que aconteceu no primeiro ano da faculdade.

Mas hoje, pela primeira vez em muito tempo, não sinto que preciso de filtrar cada palavra que digo. Não estou a lutar para impressionar a Porra da Athena Liu. Estou apenas a divertir-me com Athena.

— Devíamos fazer isto mais vezes — ela não para de dizer. — Junie, sinceramente, como é que nunca fizemos isto antes?

— Não sei — digo e, então, numa tentativa de ser mais profunda —, talvez tivéssemos medo de quanto poderíamos gostar uma da outra.

É uma coisa estúpida de se dizer e nem sequer é verdade, mas, aparentemente, encanta-a.

— Talvez — diz ela. — Talvez. Ah, Junie. A vida é tão curta. Porque é que construímos estas paredes?

Os olhos dela estão a brilhar e ela tem a boca húmida. Estamos sentadas lado a lado no *futon* dela, com os joelhos tão próximos que quase se tocam. Por um instante, acho que ela se vai inclinar e beijar-me — e que história seria *essa*, penso; que reviravolta no argumento —, mas então ela recua e grita e eu noto que o meu copo de uísque se inclinou tanto que molhei o chão. Graças a Deus é todo de madeira, porque se tivesse estragado um dos tapetes caros de Athena, eu ter-me-ia simplesmente atirado da varanda. Ela ri e corre para a cozinha para ir buscar um guardanapo e eu tomo outro gole para me acalmar, perguntando-me porque sinto o meu coração acelerado.

Então, de repente, é meia-noite e estamos a fazer panquecas — caseiras, nada de preparados comprados — e a embelezá-las com vários montinhos de extrato de *pandan*[4] na massa agora verde-néon porque Athena Liu não faz panquecas *normais*.

— É como baunilha, mas melhor — explica ela. — É perfumado e vegetal, como se estivéssemos a inspirar profundamente o ar de uma floresta. Não *acredito* como é que os brancos ainda não descobriram o *pandan*.

Ela tira-as da frigideira e coloca-as no meu prato. As panquecas estão queimadas e são desiguais, mas têm um cheiro incrível e noto que estou a morrer de fome. Devoro uma com as mãos e depois olho

[4] Planta tropical do Sudeste Asiático. Tem folhas que são floridas e perfumadas com um agradável sabor a arroz branco e um toque frutado semelhante a banana. (*N. da T.*)

para cima e vejo Athena a olhar para mim. Limpo os dedos com medo de a ter enojado, mas ela ri-se e desafia-me para vermos quem consegue comer mais. E, então, há um cronómetro ligado e estamos a comer as panquecas meio cozidas o mais rápido que conseguimos, engolindo leite pelo meio para ajudar os pedaços grandes a descer pelas nossas gargantas.

— Sete — suspiro, tentando respirar. — Sete, que é que…

Mas Athena não está a olhar para mim. Está a pestanejar imenso, com as sobrancelhas franzidas. Leva uma mão à garganta. Com a outra, bate-me freneticamente no braço. Os seus lábios abrem-se e ela emite um som rouco, sinistro e emudecido.

Está a sufocar.

Heimlich, eu sei fazer a manobra de Heimlich — pelo menos, acho que sei. Não penso nisso desde a escola primária, mas coloco-me atrás dela e ponho os braços em redor da sua cintura, empurrando as mãos bruscamente contra o estômago dela, o que deve desalojar a panqueca — *caraças*, ela é tão magra —, mas ela ainda está a abanar a cabeça e a bater-me no braço. Não está a sair. Empurro novamente. E outra vez. Não está a funcionar. Passa-me pela cabeça pegar no telemóvel para pesquisar «Heimlich» no Google, ou talvez ver um tutorial no YouTube, mas não há tempo. Fazê-lo demoraria uma eternidade.

Athena está a bater contra as bancadas. Tem o rosto roxo, agora.

Lembro-me de ter lido um artigo, há alguns anos, sobre uma miúda da faculdade que morreu sufocada num concurso de comer panquecas. Lembro-me de estar sentada na casa de banho, a ler os pormenores com uma fascinação lasciva, porque parecia uma maneira tão repentina, tão ridícula e devastadora de morrer. *As panquecas eram como um pedaço de cimento na garganta dela*, disse o paramédico. Um pedaço de cimento.

Athena puxa-me pelo braço; aponta para o meu telefone. *Ajuda*, murmura silenciosamente. *Ajuda, ajuda*…

Os meus dedos não param de tremer; preciso de três tentativas para desbloquear o meu telefone e ligar para o 112. Eles perguntam-me qual é a emergência.

— Estou com uma amiga — ofego. — Ela está a sufocar. Tentei o Heimlich; não está a sair…

Ao meu lado, Athena está dobrada sobre uma cadeira, a empurrar o esterno contra o encosto, tentando realizar a manobra em si mesma. Os seus movimentos estão cada vez mais frenéticos — *Parece que está a fazer sexo com a cadeira*, penso estupidamente —, mas não parece funcionar; nada sai a voar da boca dela.

— Minha senhora, qual é a morada?

Oh, porra, não sei o endereço de Athena.

— Não sei, é a casa da minha amiga. — Tento pensar. — Em frente da loja de tacos e da livraria, não sei exatamente…

— Pode ser mais específica?

— Dupont! Dupont Circle. Fica a um quarteirão da estação de metro, tem uma bela porta giratória…

— É um prédio de apartamentos?

— Sim.

— O Independente? O Madison?

— Sim! O Madison. É esse.

— Que andar?

Não sei. Viro-me para Athena, mas ela está enrolada no chão, a baloiçar para a frente e para trás de uma forma que é horrível de ver. Hesito, dividida entre ajudá-la e verificar o número da porta, mas, então, lembro-me, é no nono andar, tão alto que podemos ver a Dupont Circle inteira da varanda.

— Nove-zero-sete — arquejo. — Por favor, venham depressa, oh, meu Deus…

— Vai uma ambulância a caminho neste momento, minha senhora. A paciente está consciente?

Olho por cima do ombro. Athena parou de estrebuchar. A única coisa que se move agora são os seus ombros, levantando-se em espasmos selvagens como se ela estivesse possuída.

Então, também eles param.

— Minha senhora?

Baixo o telefone. As lágrimas desfocam-me a visão. Estendo a mão e sacudo-lhe o ombro. Nada. Os olhos de Athena estão arregalados, esbugalhados; não suporto olhar para eles. Toco com os dedos no pescoço dela para verificar a pulsação. Nada. A funcionária do 112 diz outra coisa, mas não a consigo perceber; não consigo perceber os meus próprios pensamentos e tudo o que acontece a seguir, entre as pancadas na porta e a corrida dos paramédicos para dentro do apartamento, é um borrão escuro e desconcertante.



Só chego a casa no início da manhã seguinte.

Documentar uma morte leva, aparentemente, muito tempo. Os paramédicos têm de verificar a porra de cada pormenor antes de poderem escrever oficialmente nas suas pranchetas: *Athena Liu, 27 anos, sexo feminino, está morta porque se engasgou, até morrer, com uma maldita panqueca*.

Presto uma declaração. Fito fixamente os olhos da paramédica à minha frente — são de um azul muito claro e ela tem grandes pingos pretos de rímel colados ao exterior das suas pestanas — para me distrair da maca na cozinha atrás de mim e das pessoas de uniforme que fecham um lençol de plástico sobre o corpo de Athena. *Oh, meu Deus. Oh, meu Deus, é um saco para cadáveres*. *Isto é real. Athena está morta*.

— Nome?

— June… desculpe, Juniper Hayward.

— Idade?

— Vinte e sete.

— Como é que conhece a falecida?

— Ela é… era… minha amiga. Somos amigas desde a faculdade.

— E que estavam a fazer aqui esta noite?

— Estávamos a comemorar. — As lágrimas ardem atrás do meu nariz. — Estávamos a comemorar porque ela tinha acabado de assinar um contrato com a Netflix e estava muito feliz.

Estou estranhamente apavorada por me poderem estar prestes a prender por homicídio. Mas isso é estúpido — Athena engasgou-se e

o glóbulo (eles não paravam de lhe chamar glóbulo, que tipo de palavra é «glóbulo»?) está mesmo ali, na garganta dela. Não há sinais de luta. Ela deixou-me entrar, as pessoas viram-nos a agir como amigas no bar — *Liguem para o tipo do Graham's*, quero dizer, *ele vai confirmar o que estou a dizer*.

Mas porque é que estou a tentar inventar uma defesa? Estes pormenores não deviam importar. Eu não fiz nada. Não a matei. Isto é ridículo; até é ridículo eu estar preocupada com isso. Nenhum júri me condenaria.

Por fim, eles deixam-me ir. São quatro da manhã. Um agente — a polícia chegou a certa altura, o que acho que acontece quando há um cadáver — oferece-me uma boleia até à minha casa, em Rosslyn. Passamos a maior parte do tempo em silêncio e, quando chegamos ao meu prédio, ele oferece-me as suas condolências, que ouço, mas não processo. Cambaleio até ao meu apartamento, arranco os sapatos e o sutiã, gargarejo com um pouco de elixir bucal e caio na cama. Choro durante algum tempo, grandes soluços uivantes para soltar esta energia terrível que parece rasgar-me o corpo e depois, um comprimido de melatonina e dois Lunestas mais tarde, consigo adormecer.

Entretanto, na minha mala, atirada para o chão junto da cama, o manuscrito de Athena jaz como um saco de carvões em brasa.